



Instalações artísticas nas cidades: a arte contemporânea de Henrique Oliveira, Regina Silveira e Ernesto Neto, sensibilizando pessoas no cotidiano urbano

Artistic installations in cities: the contemporary art by Henrique Oliveira, Regina Silveira and Ernesto Neto, raising sensitive awareness in people in daily urban lives

Instalaciones artísticas en las ciudades: el arte contemporáneo de Henrique Oliveira, Regina Silveira y Ernesto Neto sensibiliza a las personas en la vida urbana cotidiana

DOI: 10.55905/revconv.17n.2-126

Originals received: 01/04/2024

Acceptance for publication: 01/30/2024

Lazaro Elizeu Moura

Pós-Doutorando em Artes Visuais

Instituição: Universidade Estadual de Campinas

Endereço: Campinas – São Paulo, Brasil

E-mail: laelmoura09@gmail.com

Cláudio Lima Ferreira

Doutor em Artes Visuais

Instituição: Universidade Estadual de Campinas

Endereço: Campinas – São Paulo, Brasil

E-mail: limacf@unicamp.br

RESUMO

Este artigo apresenta uma análise sobre algumas instalações artísticas, projetadas para espaços dentro das cidades, ampliando o seu campo de exibição e despertando a natureza sensível das pessoas que vivem ou transitam nos centros urbanos. O estudo destaca os frequentes problemas que afetam as cidades, causando desconforto aos seus habitantes, logo, observa a arte contemporânea, que se instala nos espaços e ambientes, enquanto veículo competente em interpretar os aspectos da vida rotineira, por meio da franqueza e da poesia visual. Neste propósito foram selecionadas três instalações, produzidas por três artistas visuais brasileiros, Henrique Oliveira, Regina Silveira e Ernesto Neto, respectivamente em Porto Alegre/RS - 2009, São Paulo/SP - 2010 e Zurique/Alemanha - 2018. Esta escolha, com suas propostas temáticas, características estéticas e materialidades distintas, exemplifica a diversidade de linguagens que a arte contemporânea oportuniza, especialmente quando as instalações são realizadas em cidades, precisamente em lugares nos quais os artistas podem criar obras atrativas que vão dialogar com o público. Amparado por comentários críticos, a respeito das obras artísticas escolhidas, o texto mostra a magnitude da arte contemporânea, enquanto objeto de múltiplas leituras, capaz de instigar e sugerir reflexões. Conclui salientando a relevância da arte como elemento que espelha e interpreta o mundo em constantes transformações, reeducando e ampliando o repertório



cultural, sobretudo, mostrando em que medida as instalações artísticas contribuem com as cidades, aflorando a sensibilização das pessoas, diante dos problemas que impactam o cotidiano urbano.

Palavras-chave: instalações de arte, arte nas cidades, Henrique Oliveira, Regina Silveira, Ernesto Neto, sensibilização pública.

ABSTRACT

This article analyzes some artistic installations, designed for spaces within cities, expanding their field of exhibition, awakening the sensitive nature of people who live or walk in urban centers. The study highlights the frequent problems that affect cities, causing discomfort to the population, therefore, it observes the importance of contemporary art, which is installed in spaces and environments, as an efficient element to interpret aspects of daily life, through awareness and visual poetry. Therefore, three art installations were selected, produced by three Brazilian visual artists, such as Henrique Oliveira, Regina Silveira e Ernesto Neto, respectively in these cities: Porto Alegre/RS – 2009, São Paulo/SP – 2010 and Zurich/Germany – 2018. The choice and their respective artworks proposals, composed of distinct aesthetic characteristics and several materials, exemplifies the diversity of languages that contemporary art provides, precisely when the art installations are exhibited in cities, particularly in places where artists can create attractive artworks interacting with the public. Through critical comments regarding the chosen artistic works, the text introduces the magnitude of contemporary art as an object of multiple readings, capable of instigating and suggesting reflections. It concludes by highlighting the relevance of art as an element that reflects and interprets the world in constant transformation, re-educating and expanding the cultural repertoire, above all, showing how the artistic installations contribute to cities, raising sensitive awareness of the people in the face of problems that impact urban lives.

Keywords: art installations, art in cities, Henrique Oliveira, Regina Silveira, Ernesto Neto, public sensitive awareness.

RESUMEN

Este artículo presenta un análisis de algunas instalaciones artísticas diseñadas para espacios dentro de las ciudades, ampliando su campo de exhibición y despertando la naturaleza sensible de las personas que viven o transitan por los centros urbanos. El estudio pone de relieve los frecuentes problemas que afectan a las ciudades, causando malestar a sus habitantes, y por ello se fija en el arte contemporáneo, que se instala en espacios y entornos, como vehículo competente para interpretar aspectos de la vida rutinaria mediante la franqueza y la poesía visual. Para ello, se seleccionaron tres instalaciones realizadas por tres artistas visuales brasileños, Henrique Oliveira, Regina Silveira y Ernesto Neto, respectivamente en Porto Alegre/RS - 2009, São Paulo/SP - 2010 y Zúrich/Alemania - 2018. Esta elección, con sus propuestas temáticas, características estéticas y materialidades distintas, ejemplifica la diversidad de lenguajes que ofrece el arte contemporáneo, especialmente cuando las instalaciones se realizan en ciudades, precisamente en lugares donde los artistas pueden crear obras atractivas que dialoguen con el público. Apoyado en comentarios críticos sobre las obras elegidas, el texto muestra la magnitud del arte contemporáneo como objeto de múltiples lecturas, capaz de instigar y sugerir reflexiones. Concluye destacando la relevancia del arte como elemento que refleja e interpreta el mundo en constante transformación, reeducando y ampliando el repertorio cultural, sobre todo mostrando



hasta qué punto las instalaciones artísticas contribuyen a las ciudades, sensibilizando a las personas sobre los problemas que afectan a la vida cotidiana urbana.

Palabras clave: instalaciones artísticas, arte en las ciudades, Henrique Oliveira, Regina Silveira, Ernesto Neto, sensibilización ciudadana.

1 INTRODUÇÃO

A arte contemporânea tem sido reconhecida como manifestação artística por meio de diversos caminhos e propósitos. Dentre eles destacam-se as instalações de arte, modalidade que reúne linguagens, materiais, suportes e conceitos que interagem com espaços urbanos. O presente estudo aponta como essas instalações são realizadas nesses locais, bem como analisa, em que condições tais interferências artísticas despertam a sensibilidade do público, particularmente, no cotidiano das pessoas que vivem ou circulam pelas cidades. Por se tratar de um movimento que se constrói, entre as qualidades expressivas dos elementos que compõem a obra e as características dos locais escolhidos, entende-se que as instalações ocupam as cidades, provocando reflexões em seus habitantes e o público transeunte, condição primordial para a compreensão deste tema.

Embora atrativas e surpreendentes, de algum modo, as instalações artísticas vão além de seus recursos visuais, muitas vezes trazendo assuntos polêmicos, criticando as complexidades das cidades, incluindo questionamentos sobre sua presença em locais inesperados. Nesse território, o pensamento criativo dos artistas instiga os olhares do público que reage, instintivamente ou conscientemente, diante dos conceitos, materialidades e ocupações espaciais das obras. Uma vez que as instalações reúnem vários componentes, estruturando-se em cenários concebidos nos alicerces da arte, ela pode ser simplesmente contemplada ou pode propor interatividade com o público, atitude recorrente nos movimentos da arte contemporânea, portanto, existem inúmeras instalações que foram, ou continuam sendo, referências artísticas, justamente por seu aspecto de obra aberta, termo que explica a apreciação, a interatividade e a interpretação heterogênea.

A liberdade na instalação e na exposição pública de obras artísticas permite, em igual medida, que as pessoas reajam questionando as linguagens e formas expressivas dos artistas, comprovando que a diversidade de opiniões engrandece o entendimento sobre obras de arte nos espaços das cidades. As instalações abertas são percebidas como obras públicas, neste sentido,



as pessoas sentem-se confortáveis ou destemidas em expor seus pontos de vista, respondendo por intermédio de suas atitudes, bem como, usufruindo das obras na condição de apreciadores ou cidadãos questionadores.

Para exemplificar este tema, foram selecionados três artistas contemporâneos e suas instalações, num recorte que apresenta a arte brasileira em três linguagens visuais específicas: o processo escultórico de Henrique Oliveira, com a instalação *Tapumes*, na cidade de Porto Alegre/RS, os recursos tecnológicos utilizados na instalação *Tramazul*, de Regina Silveira, na cidade de São Paulo/SP e a manufatura artesanal de Ernesto Neto na instalação *Gaia Mother Tree*, na cidade de Zurique/Alemanha. A despeito da extensa produção artística dos nomes escolhidos, as três únicas instalações analisadas mostram que, a aproximação entre elas justifica-se, exatamente, em virtude de seus distintos processos criativos, exemplos que visam o entendimento sobre a arte exposta em diferentes cidades, não sendo reconhecida, necessariamente, por suas origens, seus estilos e assuntos, mas sim, por sua poética universal, capaz de sensibilizar pessoas, em diferentes lugares no mundo.

As manifestações decorrentes das linguagens artísticas, invariavelmente, causam reações comportamentais nas pessoas, nas mais diferentes formas. Nessa esfera do conhecimento, da expressividade e do retorno, surge a condição sensível do ser humano, tanto no sujeito que produz a obra de arte, quanto naquele que a recebe. Importante ressaltar que, a sensibilidade de cada um será percebida de acordo com sua natureza, sua educação e sua reflexão.

Por fim, o texto aponta o papel da arte enquanto veículo que estimula a percepção sensível do público, em seu cotidiano nas cidades, reeducando e ampliando suas perspectivas contemplativas, bem como, seus repertórios culturais.

As cidades tornam-se cenários possíveis para que os artistas atuem de maneira transformadora, questionando os problemas que afetam a sociedade, abrindo reflexões sobre a presença da arte em espaços públicos, seus possíveis benefícios enquanto linguagens subliminares e poéticas, consequentemente alimentando novos paradigmas ao entendimento sobre as expressões artísticas contemporâneas.

2 INSTALAÇÕES ARTÍSTICAS NOS ESPAÇOS DAS CIDADES

Arte existe porque assim a humanidade a enxerga e a define. Ela surge quando os indivíduos observam e se conscientizam sobre a natureza e sua própria existência,



consequentemente, a partir de seus instintos sensíveis, se manifestam expressivamente. Relevante como história, conhecimento e educação, seu valor primordial origina-se na estética e na poesia, a despeito da inegável contribuição sobre a documentação deixada no decorrer dos séculos, ilustrando a evolução humana, suas identidades, costumes, habilidades e cultura.

Arte em suas múltiplas especificidades, incluindo as instalações artísticas, de acordo com sua capacidade de expansão, localiza-se na maior parte dos territórios, ela está inserida nas cidades, especialmente nos grandes centros urbanos, comumente dentro de locais tradicionais, tais como museus, centro culturais, galerias e bienais. Embora as obras artísticas estejam protegidas nesses ambientes consolidados, a arte também pode ser encontrada em lugares alternativos e inesperados. Quando isso acontece, as cidades transformam-se em cenários para o exercício da manifestação artística, de maneira que suas obras e instalações se distribuem na zona urbana, com mais acesso e visibilidade para os habitantes e o público generalizado. Assim sendo, a arte pública expande-se de tal forma, que ela se incorpora ao cotidiano urbano e social.

A arte contemporânea, compartilha espaços com outras áreas criativas, tais como a arquitetura e o design, edificando outros corpos e novas possibilidades expressivas. Ela se expandiu, rompeu com as paredes que a limitava e instalou-se nas cidades. O local escolhido para sua apresentação não é apenas o chamado *cubo branco*, ambiente restrito cercado por paredes neutras e inexpressivas. As cidades, com suas características próprias, suas complexidades e desafios, tornaram-se cenários eficazes para as instalações de arte e inesgotáveis manifestações artísticas, todos juntos, habitando o mesmo espaço urbano, submetidos ao critério de aceitação e rejeição, de atração e repulsa, sobretudo, estabelecendo um novo sistema de observação e sensibilização promovido por sua diversidade e imponência visuais.

Comumente as instalações nas cidades são de natureza passageira, concebidas e executadas para um determinado período de duração. Isto deve-se a resistência e manutenção dos materiais utilizados em sua realização, do tema contido em sua exibição que, invariavelmente, surge a partir do próprio local escolhido ou da relação intrínseca com a cidade. Segundo o texto de Stéphane Huchet, a instalação, por sua temporalidade paradoxal, exige um tempo progressivo, ligado ao frasear do discurso. Seu conceito se conquista no desdobramento dos atos, seguindo a linha de resistência dos objetos dispostos. (HUCHET, S. 2006). De fato, o tempo estabelece a durabilidade e permanência da obra física, no entanto, as discussões decorrentes de sua exibição, provocam a opinião pública, gerando críticas e impressões autênticas sobre a obra. O tempo



determina a presença da obra nos espaços, abrindo diálogos entre a instalação e as pessoas, numa relação que faz sentido ao deixar uma mensagem na memória, uma lembrança reflexiva acerca de sua passagem pelo lugar.

Na contemporaneidade, as exposições de obras artísticas incorporaram outros formatos, ou seja, não se faz necessário montagens com pedestais, paredes móveis ou salas especiais. Fora do cubo branco, as instalações ocupam espaços assimétricos, corredores estreitos, sacadas, rampas e demais áreas destinadas a montagens originais ou personalizadas. Ampliando, ainda mais, suas exposições, nota-se que a arte contemporânea se desvincula desses lugares triviais, migrando para locais inesperados, alargando sua popularidade e atratividade, portanto, os espaços urbanos apresentam-se como opções viáveis e eficazes ao fazer artístico, integrando inúmeras culturas.

Em entrevista à Revista Pesquisa Fapesp, a artista visual Regina Silveira, um dos destaques neste artigo, expõe seu ponto de vista sobre o cubo branco no cenário contemporâneo da arte. O que, sim, é mais consistente em relação à perda de vitalidade do ‘cubo branco’ é a vitalidade crescente de manifestações fora dos espaços protegidos da arte, algumas vezes em espaços públicos, feitas por artistas individuais ou, muitas vezes, reunidos em coletivas, com ações dirigidas a resultados mais conectados com a vida real. [...] Na minha prática dos últimos anos, recobrando arquiteturas e fazendo projeções noturnas, que usam a cidade como suporte para deslocar imagens e ‘semantizar’ lugares, meu maior gosto é poder contribuir para alguma transformação de experiência ou para alguma nova percepção, em termos puramente mágicos e ter como alvo, um público anônimo, do qual nem consigo aferir ressonâncias: um desafio. (HAAG, 2010).

As instalações de arte, elaboradas para espaços dentro das cidades, não são idealizadas apenas por suas qualidades visuais. Na maioria das vezes, nota-se que os artistas conhecem ou pesquisam sobre cada local almejado de maneira que, durante o desenvolvimento do trabalho, questões de ordem civilizatória, posicionamento político e social, preocupação racial, engajamento, direito e defesa da diversidade, são alguns pontos temáticos recorrentes, incorporados ao projeto artístico. Neste sentido fica evidente que a arte contemporânea, que se instala nas cidades carrega, para si própria, os problemas que atingem seus habitantes e transeuntes, sobretudo aqueles que se enquadram na condição de minorias, mais especificamente, indivíduos que não tem acesso a uma série de manifestações com abordagens segundo os rumos das artes. Justamente por este motivo, as instalações artísticas soam como música que acalma os



ouvidos, acostumados aos barulhos de trânsito e as sobreposições de vozes exaltadas, numa espécie de ópera dodecafônica de Schoenberg, que cobre as cidades populosas cotidianamente.

É possível criar instalações de arte com um conjunto de obras ou objetos, reunindo elementos de acordo com um pensamento, uma ideia ou um conceito. Essas instalações, apresentadas em ambientes específicos para as suas exposições, podem ser transferidas na íntegra ou remontadas, de um espaço para outro, do mesmo modo que entre diferentes países e cidades, favorecendo a difusão dos estilos artísticos e da cultura global, como acontece em Bienais, Museus e Feiras de Arte. Ainda no campo das ocupações ambientais, existem instalações projetadas e executadas a partir das características físicas, geográficas e climáticas, nas quais os artistas criam suas interferências, incorporando um conjunto de peculiaridades considerado essencial à realização do trabalho. Na maior parte das vezes, essas instalações artísticas são realizadas de modo a se observar os espaços e os ambientes onde se pretendem suas construções. Dentre as múltiplas possibilidades, na categoria de instalação de arte, destaca-se os projetos para locais específicos, conforme mostram as três instalações escolhidas para este artigo, *Tapumes* de Henrique Oliveira, *Tramazul* de Regina Silveira e *Gaia Mother Tree* de Ernesto Neto. Trata-se, portanto, de escolhas e lugares onde o trabalho dialoga diretamente com o pensamento criativo de seus autores.

3 HENRIQUE OLIVEIRA E AS FORMAS DA NATUREZA DENTRO DA CIDADE

Henrique de Souza Oliveira, Ourinhos/SP 1973. Transita pela instalação, escultura e pintura, com um trabalho consolidado, premiado e reconhecido internacionalmente. Suas formas orgânicas contêm referências das volumetrias tradicionais, utilizadas com esmero técnico em suas estruturas tridimensionais, assim como inseridas na bidimensionalidade, quando utiliza o campo espacial da pintura. Oliveira possui uma expressiva quantidade de obras, comprovando sua relação íntima com a disciplina da manufatura, o processo metodológico, a experimentação com materiais alternativos, mas principalmente, o enfrentamento com a espacialidade na qual suas obras tridimensionais são instaladas.

Os vestígios da natureza sobressaem, na condição de protagonistas, em grande parte de seus trabalhos. Os volumes em escalas reais, espelham o que se encontra em zonas florestais, em pântanos e em campos rurais. Revestimentos com madeira, ou precisamente, lascas e fragmentos de madeira, são matérias orgânicas presentes em suas obras, reafirmando a semelhança com a



forma viva. No artigo, Para além da brasilidade, Cauê Alves comenta a forma construída pelo artista. A aparência orgânica e fluida que os trabalhos de Oliveira possuem não é apenas uma forma vazia, mas diz muito da vida contemporânea. As suas instalações provocam modificações que pressupõem a mobilidade do espaço, uma espécie de flexibilidade que caracteriza o mundo atual. Elas trazem dentro de si o próprio fluxo do tempo e de tudo o que é passageiro. É como se a arquitetura, depois da intervenção de Oliveira, deixasse de possuir uma forma ortogonal definida. Os compensados se ajustam e agem no espaço como bolhas inchadas na iminência de explodirem, como se fossem um líquido viscoso que está sempre pronto para escorrer e seguir outros caminhos. (ALVES, 2013). Indiscutivelmente essa aparência fundamentada, transposta para as esculturas e instalações localizadas em espaços urbanos, evidenciam a atração do público. A força visual das obras artísticas impacta o enrijecimento das cidades revestidas com cimento, vidro e metal. O concreto, denso e firme figura como elemento frágil diante da natureza que o artista resgata, mostrando que ela, a todo momento se recupera, se reconstrói e renasce. Oliveira constrói formas e as insere em ambientes como se elas surgissem espontaneamente de suas paredes, pisos e tetos. O que poderia ser assustador, em detrimento da força que arrebenta estruturas resistentes, torna-se encantador, precisamente pela maneira como a obra é construída, encapada com suas folhas de tapumes, tingida com cores terrosas e harmoniosas. A estranheza do conjunto volumoso, da caverna ou mesmo das entranhas do corpo humano, fascinam e incitam o desejo de estar dentro, tocar e conviver.

Durante a 7^a Bienal do Mercosul de 2009, Henrique Oliveira ocupou os ambientes de um casarão centenário, conhecido por Casa dos Leões, localizado na cidade de Porto Alegre, RS. Essa instalação foi realizada a partir da forma orgânica tridimensional, habitualmente utilizada pelo artista na maior parte de suas intervenções, porém, a interlocução entre arte e arquitetura foi além dos atributos da obra artística. A complexidade administrativa de uma construção antiga, abandonada por duas décadas em um centro urbano, somada as seguidas tentativas de reaproveitamento de seus espaços, resultou na instalação intitulada *Tapumes*. Oliveira manteve a aparência de abandono da casa, cobrindo os volumes das estruturas formais com lascas de tapumes destruídos (Imagens 1, 2 e 3), de modo que coabitam, instalação e arquitetura, expandindo suas características físicas *póvera*¹ para temas que tocam a consciência social e

¹ Termo em italiano que significa “pobre” utilizado pelo crítico e curador Germano Celant, ao se referir ao movimento da arte povera, surgido na Itália em 1960.



ambiental, como escreve o crítico de arte sobre o artista. [...] Usando tapumes, construiu uma série de tumores, excrescências de aparência orgânica, corpos tumefatos explodindo como abscessos pelas janelas e reentrâncias da construção, como se ela houvesse sido tomada por um corpo disforme e proliferante que inchou e pôs para fora o mofo que habitava o imóvel. [...] Obra que sinaliza muito bem o envolvimento da experimentação com a ação política sobre um mundo que varre para debaixo do tapete sua lógica de acumulação, que prospera pela disparidade na distribuição de riquezas e pela espoliação do corpo da cidade. (FARIAS, 2016).

Uma casa abandonada, um edifício condenado, uma praça desprotegida ou um centro comercial obsoleto, tornam-se problemas urbanos, ignorados por seus responsáveis, deixados nas cidades como sucata, objetos sendo corroídos pelo tempo, haja visto a complexidade nas revitalizações de centros históricos, construções tombadas por leis protetoras e a manutenção de locais destinados a populações carentes. Por este ângulo, a linguagem da arte também pode ser complexa em sua idealização e produção. Em casos assim, o artista atua como filtro dos problemas sociais e urbanos interagindo com os espaços, manifestando seu posicionamento enquanto observador e questionador, portanto, o seu modo de fala se mostra de outra maneira, sobretudo quando a arte alcança a zona do entendimento e da conscientização.

Figura 1. Instalação de arte de Henrique Oliveira, utilizando lascas de madeira sobre estrutura com volumes na Casa dos Leões, Porto Alegre/RS.



Fonte: Foto de Eduardo Ortega



Figura 2. Detalhe da instalação na Casa dos Leões, em Porto Alegre/RS.



Fonte: Foto de Henrique Oliveira

Figura 3. Detalhe da instalação na Casa dos Leões, em Porto Alegre/RS.



Fonte: Foto de Henrique Oliveira

A instalação *Tapumes* foi construída dentro desse recorte, especificamente para a Casa dos Leões, na rua dos Andradas, 507 - Porto Alegre, RS. Henrique Oliveira escolheu o casarão e a obra surgiu a partir dessa intervenção. No momento da complexa realização das formas, dos desafios diante da arquitetura fragilizada pelo tempo e da necessidade de uma linguagem artística subliminar, emerge um dos êxitos da arte; a competência em despertar o estado sensível dos observadores, por intermédio de sua mensagem visual, por uma conscientização crítica e substancialmente poética. A instalação definiu alguns aspectos manifestos pela arte pública: o



encantamento pelos volumes, com uma cartela cromática atrativa e harmônica, a complexidade formal da montagem, contendo estruturas que sugerem um organismo vivo explodindo dentro da casa, a ponto de se prolongar para fora da arquitetura e por último, a questão do desleixo com um patrimônio largado no tempo, sem preservação ou cuidado, uma arquitetura datada, ou seja, memória histórica, esquecida no coração da cidade. Nesse ponto, a instalação de Oliveira é admirada como arte, tornando-se um movimento unificado, onde o artista e a população, levantam a mesma bandeira em defesa do patrimônio construído dentro da cidade.

O trabalho de Henrique Oliveira toca o sentimento do público, especialmente porque ele trata de questões ligadas à memória de uma época em que a vida parecia ser menos acelerada, menos violenta, logo, ela seria mais tolerante, mais respeitosa e mais humana. Olhar para sua instalação *Tapumes*, é voltar no tempo. O casarão abandonado carrega os anos de muitos acontecimentos, pessoas que transitaram por ele, quem sabe nasceram, cresceram, envelheceram e morreram.

A instalação em local específico, de Henrique Oliveira, indiscutivelmente foi assertiva e atrativa. Ao ser analisada por sua aparência, definiu-se na categoria de bela, muito embora tal beleza resultou do trabalho do artista que, com sua habilidade no manuseio dos materiais pobres, enriqueceu o espaço, desocupado por duas décadas anteriores. Se porventura, a casa tenha sido um incômodo urbano, em decorrência de seu estado de abandono no centro histórico da cidade, causando repulsa na população, numa espécie de comparação ao *Retrato de Dorian Gray*, antes belo, porém condenado à putrefação pelo resto de seus dias, com a instalação de arte, este local específico foi reconfigurado doravante por sua aparência envelhecida.

4 REGINA SILVEIRA ADESIVANDO O ESPAÇO URBANO

Regina Scalzilli Silveira, Porto Alegre/RS 1939. Artista e professora, possui um extenso currículo no campo da arte, trabalhando com diversas modalidades bidimensionais e tridimensionais, porém suas instalações em ambientes que abrigam a arte em geral e em locais urbanos específicos, formam o conjunto de maior destaque em sua carreira artística, tanto no circuito nacional, quanto no internacional.

Ao falar de instalações que atraem o público, Regina Silveira desponta como o nome mais popular e respeitado, logo, não seria imprudente atribuir a ela, um lugar privilegiado no ranking das artistas brasileiras de maior reconhecimento público e crítico. A difícil capacidade de



transformar simples objetos do cotidiano em obras impactantes, é somente uma de suas habilidades. Por meio da aparência lúdica e corriqueira, suas formas agigantam-se em sombras recortadas e esticadas, transversalmente planificadas em perspectivas gráficas. Desse modo, as imagens interferem e dialogam com paredes em desníveis, cantos, curvas, relevos, escadas, portas, janelas, tetos e pisos, portanto, um verdadeiro regozijo valorizando os ambientes e a arquitetura.

Ao modelo de outros artistas, tais como Nelson Leirner, que utilizava objetos banais e industrializados de maneira sarcástica e crítica, envoltos em conceitos político-religioso-sociais, ou mesmo Marcel Duchamp, artista e personagem enigmático do movimento dadaísta, que transformava produtos funcionais em objetos não funcionais, atitude complexa na qual o conceito superava a obra física, Regina Silveira utiliza formas triviais extraindo delas, fantasmas projetados em proporções descomunais, a exemplo das sombras fascinantes do antigo teatro chinês.

Analisando seus desenhos projetados nos espaços, entre a representação proporcional e a projeção disforme, nota-se sua afinidade com o pensamento instigador “duchampiano”, invertendo os sentidos das formas e figuras, gracejando com imagens de objetos e suas utilidades. Em sua produção, os objetos são expandidos, ocupando ambientes por meio de sombras, assim como as cidades e seus edifícios, transformando-se em cenários para o seu processo criativo.

Instalações são projetadas sobre fachadas, janelas e calçadas, de tal modo que o espaço urbano se converte em território expandido aberto às suas intervenções artísticas. É o caso da instalação **Tramazul**, realizada em 2010 na fachada do Museu de Arte de São Paulo Assis Chateaubriand.

As impressões digitais sobre vinil adesivo, ilustraram uma grande tela vazada na cor azul celeste, justamente aludindo à cor azul, vista na atmosfera (Imagens 4, 5 e 6), que cobriram as janelas panorâmicas do MASP.

A imagem final mostrava agulhas que bordavam nuvens com linha branca e cinza, técnica utilizada em bordados manuais sobre telas de tecido. Profissionais especializados em adesivagem sobre vidro realizaram a instalação, trabalho que exige direção, segurança, precisão e tempo.



Figura 4. Instalação de arte de Regina Silveira, cobrindo as janelas do MASP com adesivos. São Paulo/SP.



Fonte: Foto de Daniela Souza

Figura 5. Detalhe das aplicações técnicas adesivando as janelas do Museu em São Paulo/SP.



Fonte: Foto de Daniela Souza

Figura 6. Detalhe das aplicações técnicas dos adesivos nas janelas do Museu em São Paulo/SP.



Fonte: Foto de Daniela Souza



Regina Silveira bordou o céu na fachada do museu mais conhecido na cidade de São Paulo. Para os observadores e transeuntes, compreender poeticamente esse trabalho, era apreciá-lo como se o bordado de Regina, fosse realizado por anjos, então a avenida Paulista se encheu de afeto e delicadeza. Novamente a arte estimulando a sensibilidade, direcionando os olhares à contemplação.

Na revista Pesquisa Fapesp, Regina comenta sobre as instalações públicas. Das intervenções em espaços públicos, as que me parecem mais próximas das funções transformadoras que acredito que a arte deva ter, antes de qualquer coisa, são as que são efêmeras ou que têm um formato transitório, no sentido de provocar seu efeito e logo desaparecer. A arte pública permanente, mesmo a que não se propõe como ‘monumento’, implica outras contingências e negociações – com diferentes graus de dificuldade – que envolvem seu significado e seu uso. De qualquer modo, efêmera ou permanente, a arte pública se situa no espaço da vida. Não vamos até ela: ela se instala, sem ser solicitada, no cotidiano de uma comunidade, que precisa conviver com ela, às vezes ‘para sempre’, às vezes por um tempo estendido, ou até mesmo numa fração de minuto, se for uma ‘aparição’. (HAAG, 2010).

A sensibilidade artística que cobre os centros urbanos de poesia visual, transforma a vida nas cidades, oferecendo um fôlego para a convivência com problemas diários. A instalação *Tramazul* fez descer as nuvens para as janelas do museu. Regina Silveira adesivou nuvens brancas no MASP, de maneira que, os transeuntes da avenida Paulista deixaram de encarar o congestionamento do trânsito, para contemplar a arte que estava acima de seus olhos. O museu mostrou a instalação de arte adesivada pelo lado de fora de suas janelas, de maneira que a população da cidade de São Paulo, conviveu com a obra de Silveira ao sair da estação de metrô, a caminho do trabalho, durante o almoço nos restaurantes da avenida Paulista e a espera dos ônibus públicos no retorno para casa.

Quando Regina Silveira cobriu o MASP com um bordado, ela não o fez por seu aspecto meramente decorativo. A instalação, especificamente projetada para as janelas do museu, diz mais sobre a falta de sensibilidade dos transeuntes, ao observar a cidade, do que apenas uma obra ornamental.

Tramazul transformou o MASP numa caixa encapada, tal qual um pacote de presente. A arquitetura de Lina Bo Bardi foi suporte para a instalação de Regina Silveira que, a partir de sua interferência artística, expandiu o carisma do Museu, erguido na cidade congestionada,



descomedida, barulhenta, populosa e carente. A obra exprime a magnitude da arte dentro dos centros urbanos, corroborando a dilatação do tempo e do espaço dos indivíduos, diariamente engolidos pelas metrópoles sem tempo e sem espaço. Um efeito que sustenta a premonição do sociólogo italiano Domenico de Masi, durante a conferência Perspectivas para a Sociedade do Século XXI em Vitória/ES 2016, ao dizer que, “no futuro, as maiores riquezas da humanidade seriam, tempo, espaço e silêncio”.

A instalação de Silveira refletiu as nuvens de um dia azulado, iluminando o museu, promovendo outros ângulos de contemplação, reafirmando que a arte é atemporal, que ela alcança espaços infinitos, ainda vazios, ainda silenciosos.

Os artistas conhecem suas obras, seus processos de criação e em que medida eles podem ser apresentados ou mesmo, em quais locais suas instalações exercem a função da arte. Quando a astúcia do artista visa o encontro com a sensibilidade pública, a arte alcança seu propósito.

5 ERNESTO NETO PROPONDO INTERATIVIDADE COM O ARTESANATO BRASILEIRO

Ernesto Saboia de Albuquerque Neto, Rio de Janeiro/RJ 1964. Artista plástico que se avizinha de elementos familiares à cultura brasileira, tais como tramas de tapeçarias, rendas produzidas nas regiões centrais do País, cestarias e artesanatos indígenas, além de adicionar outros ingredientes em suas produções, odores de especiarias e perfumes naturais extraídos do meio ambiente. Este conjunto de elementos entrelaçados em forma de teias, que ocupam diversos ambientes e espaços, resulta em instalações de grandes dimensões, impactando os olhares dos admiradores, bem como admitindo a interatividade com o público em geral. O artista trabalha com resistentes fios e tiras de algodão em diversas cores, tecendo malhas que relembram as técnicas do *tricô* (malha com duas ou mais agulhas) e do *crochê* (malha com apenas uma agulha), procedimentos capazes de executar modelagens, tencionar suas extremidades em pontos específicos e construir formas em grandes escalas. Outra característica criativa em seu procedimento artístico, é utilizar especiarias, que são colocadas dentro de longos cilindros de malha, pendurados ao alto, como se fossem gotas caindo até o piso. Esses ingredientes, além dos odores, ainda possuem cores distintas que ultrapassam as malhas e as teias vazadas, depositando seu pó colorido pelo chão. A obra finalizada constrói um cenário, na tangência da magia e da excentricidade circense, a partir do tecido que forma extraordinárias cúpulas côncavas, mandalas,



balanços, cilindros, círculos e vísceras, numa confabulação entre o corpo humano e a arquitetura. Por sua flexibilidade e leveza, os fios trançados podem se esticar em diversas direções, constituindo-se em formas ou figuras ornamentais, um caleidoscópio tramado com sucessivas justaposições e sobreposições de desenhos e texturas.

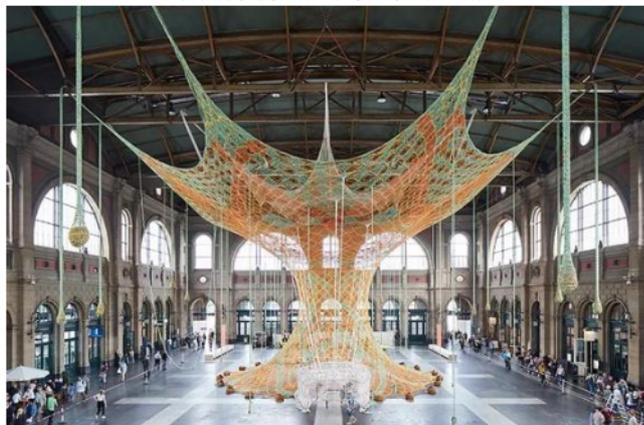
Ernesto Neto provoca os sentidos quando leva seus pêndulos ao alcance do público. Embora suas instalações contenham materiais volúveis, como se pudessem romper e cair de suas tramas tensionadas, o artista atrai as pessoas com as formas orgânicas e tocáveis, além da sedução procedente das fragrâncias que cobrem os ambientes com açafraão, pimenta do reino, urucum, cominho e cravo em pó. Os cheiros, combinados com volumes sensuais, exercem um fascínio visual elevando sua obra à condição de bem-estar, um espaço adequado para ver, tocar e espirar. Nesse sentido, o artista proporciona experiências físicas e sensoriais conforme os anseios e as necessidades humanas em se afastar do cotidiano das cidades, buscando na natureza, os sons, os ventos e os aromas capazes de transmitir conforto, tranquilidade e liberdade.

O artigo publicado no portal de Periódicos Eletrônicos de Psicologia (PePSIC), analisa a obra de Ernesto Neto afirmando que, [...] suas obras, criam espaços de intercâmbio que exigem do espectador mais que uma experiência de contemplação, mas, antes, de interação, onde seus sentidos aguçados e os corpos do espectador e da obra de arte tornam-se mútuos protagonistas que fundam o eixo principal de sua proposta: a criação da obra na interação dialógica, na relação fluída entre os elementos integrantes e singulares. Trata-se de uma obra que se organiza na própria interação e no caminhar com e sobre ela. (TEIXEIRA FILHO, 2017).

O trabalho artístico desenvolvido por Ernesto Neto implica um outro estado de contemplação e sensibilização que têm comovido o público durante suas exposições. Assim foi durante sua instalação intitulada **Gaia Mother Tree**, na estação de Zurique, 2018. A obra foi inspirada na Floresta Amazônica com sua diversificada e inigualável quantidade de árvores, suas espécies, cores e aromas. Essa instalação exótica pode ser observada, mas também serviu de espaço para o público interagir, entrando em sua estrutura interna, escapando do rotineiro tráfego que sobrecarrega as estações ferroviárias diariamente. A visão, no interior da gigante escultura feita de tiras de algodão tramadas manualmente, contendo especiarias em seus pêndulos que desciam do teto (Imagens 7, 8 e 9), permitiu outra leitura do espaço arquitetônico.

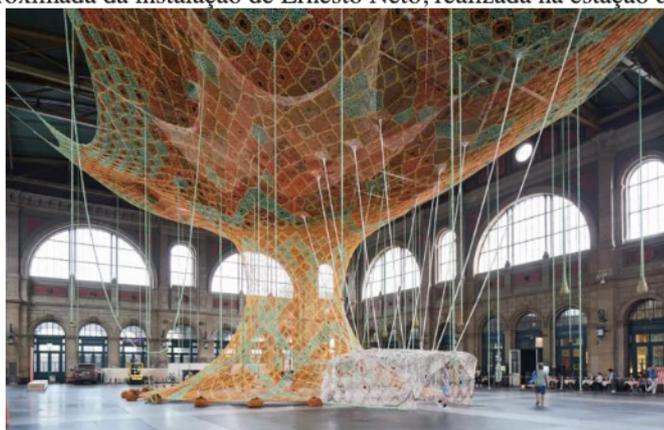


Figura 7. Instalações de arte de Ernesto Neto, realizada com tiras de tecido, cordas e fios, na estação ferroviária da cidade de Zurich/Alemanha.



Fonte: Foto de Mark Niedermann

Figura 8. Visão aproximada da instalação de Ernesto Neto, realizada na estação de Zurich/Alemanha.



Fonte: Foto de Mark Niedermann

Figura 9. Detalhe do interior da instalação de arte de Ernesto Neto, na estação de Zurich/Alemanha.



Fonte: Foto de Mark Niedermann



Desde 2013, Ernesto Neto têm desenvolvido um trabalho com uma população indígena brasileira Huni Kuin, resultando em diversas obras. Neste caso, a instalação teve a colaboração da comunidade que vive na Floresta Amazônica, fronteira entre o Brasil e o Peru, trazendo parte da cultura indígena, bem como sua estética, técnica artesanal e a conexão com os elementos da natureza. Durante a exposição, Neto concedeu uma entrevista ao jornal O Estado de S.Paulo onde afirmou... *A gente precisa repensar a Terra. Gaia representa o espírito da Terra, uma conexão com o infinito e o conhecimento. Várias pessoas se sentam, deitam-se e oram. Já vi gente chorando.*”

Há algum tempo, por volta do surgimento da chamada “geração 80”, alguns estudiosos, artistas plásticos e críticos de arte, têm defendido o argumento de que, a arte produzida no País não teria uma identidade brasileira. O grupo se vale dos estilos e linguagens, nos quais os artistas do Brasil vêm trabalhando, portanto, segundo eles, não se pode definir uma “cara brasileira”, uma vez que o produto artístico nacional não se diferencia, criativamente, formalmente e conceitualmente, da arte produzida na esfera internacional. Contrariamente, não seria possível afirmar que o processo criativo de Ernesto Neto não apresenta uma característica de brasilidade, haja visto seu vínculo e interesse nas raízes, nos hábitos e na cultura do Brasil. Sua obra mostra qualidades artesanais, dialoga com a arte regional, se aproxima do público e propõe interatividade, traz referências do folclore nacional, defende os valores do meio ambiente, acima de tudo, abraça o ser humano.

O artista utiliza uma técnica artesanal, resgatando as tradições brasileiras, uma prática com tramas tricotadas manualmente, por meio de tiras de algodão. Sua obra não utilizou recursos tecnológicos, e sim, apresentou referências de uma cultura indígena que preza pela tradição, pela espiritualidade e pelos aromas da natureza. *Gaia Mother Tree*, imprevisivelmente instalou-se numa estação como uma árvore que nasce no meio do deserto, abrigando as pessoas, protegendo-as dos desconfortos e das agressões do cotidiano urbano.

A instalação em local específico, de Ernesto Neto, realizada dentro de uma estação ferroviária na cidade de Zurique, mostra exatamente a relação entre arte e público. O local escolhido para a montagem, permite a diversidade de olhares, interpretações e sensações. Sua obra vai além da simples observação. Seus trabalhos proporcionam experiências visuais e táteis de maneira que o público interage com suas criações artísticas, sendo transportado para lugares onde a arte é essencial.



Gaia Mother Tree foi idealizada e apresentada num espaço público. A instalação não esteve dentro da instituição de arte, tampouco numa Bienal. Ela foi retirada da floresta e plantada no concreto de uma estação de trens, numa cidade de outro País.

O trabalho exibiu-se e atraiu os passantes para o seu interior, condicionando os olhares para dentro, para fora, para cima e para baixo. A “árvore mãe”, na concepção de Ernesto Neto, acolheu a todos, independente das nacionalidades, atuando como um portal para o interior de cada pessoa, transeunte ou apenas do público interessado.

O artista buscou a instalação tridimensional e interativa, enquanto espaço de contemplação e funcionalidade, salientando a premissa de que, a arte existe quando o ser humano a enxerga e assim a reconhece.

6 ARTE CONTEMPORÂNEA SENSIBILIZANDO PESSOAS NO COTIDIANO URBANO

A arte contemporânea manifesta-se em diferentes formas e em diversos espaços, segundo os objetivos e necessidades de seus artistas autores. Dentre suas múltiplas possibilidades expressivas, encontram-se as instalações de arte, ora em ambientes adequados às suas exposições, ora em locais alternativos, informais ou mesmo em áreas abertas dentro das cidades.

É relevante afirmar que arte nasce, a partir dos anseios pessoais e necessidades de seus autores ao manifestarem, por intermédio da expressão, da plasticidade, do pensamento questionador e do olhar sensível, seus projetos criativos. É importante, também, valorizar a harmonia que floresce, na sinergia da arte com a arquitetura, cujo resultado compensador, é revelado num cenário onde ambas as áreas se complementam. Nesse rumo, as instalações de Henrique Oliveira, Regina Silveira e Ernesto Neto, modalidades artísticas da arte contemporânea, exemplificam essas conexões artísticas, quando suas interferências contemporâneas, em locais específicos, ampliam os caminhos dos movimentos criativos, comprovando a força das cidades como detentora de espaços alternativos, próprios à permanência da arte.

Instalação em local específico, explica-se pelo termo literal. Geralmente chamada *site specific*, ela é projetada para um determinado lugar e somente ali, poderá ser realizada. Assim sendo, o local insere-se no contexto da obra, tornando-se parte dela. As três referências artísticas, *Tapumes*, *Tramazul* e *Gaia Mother Tree*, que ilustram este artigo, encaixam-se nessa categoria



de arte. Essas instalações nasceram sob as influências e as características desses locais específicos e foram projetadas para eles.

Costumeiramente os espaços nas cidades, quando ocupados pela arte contemporânea, são acolhidos e respeitados pelo público. No momento que a instalação de arte é considerada bela, segundo seus atributos estéticos, harmônicos e agradáveis, ela sobrevive, sendo reconhecida e aceita. Ela é igualmente admirada e respeitada, quando construída sob o prisma do pensamento crítico, da linguagem visual expressa nas bases da plasticidade, bem como, da mensagem poética, percebida por intermédio da sensibilidade.

Instalação artística, situada em local público, torna-se objeto estético e questionador, movimento criativo que interage com o ambiente desconhecido, produto cultural capaz de movimentar opiniões, gerando manifestações e apelo aos direitos de seus cidadãos. Nesse rumo, percebe-se a importância da instalação artística, enquanto obra da contemporaneidade, na qualidade de agente de conscientização das questões que afetam o cotidiano dentro das cidades. Justamente por isso, ela é competente em transmitir os hábitos diários das pessoas, algo como representante ou porta-voz, reproduzindo sem inibição, os valores e os interesses de cada um na vida rotineira.

O cotidiano é um sistema repetitivo, recheado de atividades que, invariavelmente, causam desconfortos, insatisfações e tensões no comportamento humano, situação preocupante que afeta uma expressiva parcela de pessoas dentro das cidades. Ainda nesse campo, nota-se que o planejamento urbano, organizado de modo a solucionar os problemas de uma população, comumente é desafiado a resolver as complexidades das cidades que crescem desorganizadamente. Dentre os desafios estão, o trânsito que congestiona as vias públicas, o ar prejudicado pela poluição e o ininterrupto barulho urbano, acarretando o caos generalizado que se instaura. Olhando as cidades por este ângulo, as expectativas são apocalípticas.

Nesse cenário descontrolado, os habitantes dos centros urbanos aumentam em quantidade alarmante, usufruindo dos mesmos espaços. É nesse campo caótico que desponta o sentido da instalação de arte: existir, no papel de necessidade expressiva de seus artistas, questionar, a partir das análises e preocupações do público, sobretudo sensibilizar, sob o olhar das pessoas que encontram na arte, um refúgio para os seus caminhos.

Arte contemporânea nem sempre foi ou é compreendida segundo os interesses dos artistas e críticos. Em alguns casos, o público observador também a vê como linguagem complexa,



interpretando-a enquanto expressão indecifrável, um movimento adiante de seu tempo. Apesar de sua complexidade formal, conceitual e tecnológica, considerando que hoje, os meios para sua produção não necessitam das habilidades manuais ou tradicionais, a arte contemporânea fala diretamente sobre a evolução do mundo, sua natureza carente, constantemente insaciável por inovação.

As instalações artísticas, modalidades habituais na arte contemporânea, despertam a sensibilidade das pessoas, em especial, daquelas que vivem o dia a dia no centro dos conflitos urbanos, por meio de suas mensagens metafóricas, subliminares ou apenas por suas montagens estéticas ou poéticas. Elas figuram como elementos aliados e defensores dos direitos e das vozes de cada um. Por suas características e propósitos, essas instalações atuam diretamente com os sentidos alheios, gerando infinitas leituras e interpretações, nas quais, cada reflexão não é desmerecida, considerando o princípio de cada obra em ser verdadeira, autêntica e livre. Uma vez que as instalações de arte deixam os espaços privados e tradicionais, entre museus, galerias, centros culturais e bienais de arte, ocupando lugares públicos e abertos, elas ultrapassam os limites que as separam das pessoas, transformando-se em manifestações coletivas, de natureza sensível, ou seja, populares e participativas.

A arte contemporânea existe justificando o pensamento criativo de artistas em diversas modalidades. Graças a ela, as “tendências estéticas” não interferem nos processos criativos de artistas convictos de suas habilidades e quereres. Dividindo espaços com as influências e praticidades tecnológicas, mesmo porque, dentro dessa linha de produção, encontram-se muitos outros artistas e obras de excepcionais qualidades e valores culturais, a arte contemporânea toca a sensibilidade do público, justamente por sua competência em aceitar, *a parte tão importante quanto o todo*, afirmação recorrente na filosofia de Edgar Morin.

As instalações artísticas, fruto da arte contemporânea, realizadas em espaços das cidades, executadas mediante distintas formas de pensar a arte, respeitando suas identidades, suas tradições e poéticas, mostram que os artistas contribuem para o fortalecimento das relações humanas, sensibilizando pessoas, portanto, comprovando que a arte, especialmente no convívio coletivo, parafraseando a artista francesa Louise Bourgeois, continua sendo *o atestado de sanidade* de cada indivíduo.



REFERÊNCIAS

AMARAL, Aracy; FARIAS, Agnaldo. **Henrique Oliveira**. São Paulo: Sesi-SP, Cosac Naify, Galeria Millan. 2016.

ARCHER, Michael. **Arte contemporânea: uma história concisa**. São Paulo: Cortez, 2008.

CARVALHO, Edgard de Assis. **Edgar Morin, complexidade no século XXI**. Porto Alegre: Editora Sulina, 2021.

ECO, Umberto. **A definição da arte**. Rio de Janeiro: Record, 2016.

GOMES, Karina Sérgio. **Regina Silveira: um esboço biográfico**. São Paulo: Faculdade Casper Líbero, 2009.

GROSSMANN, Martin. **Regina Silveira: Claraluz**. São Paulo: CCBB SP, 2003.

HAAG, Carlos. Regina Silveira: a mágica das sombras. **Revista Pesquisa Fapesp**. São Paulo: Edição 178, dez. 2010.

HENRIQUE Oliveira. São Paulo: SESI-SP Editora, 2016.

HUCHET, Stéphane. A Instalação em Situação. In: NAZARIO, Luiz & FRANCA, Patrícia. **Concepções contemporâneas da arte**. Belo Horizonte: UFMG, 2006.

MORIN, Edgar. **Cultura de massas do século XX – O espírito do tempo – Neurose e necrose**. São Paulo: Forense Universitária, 2018.

_____. **O método 2: a vida da vida**. Porto Alegre: Editora Sulina, 2015.

MORIN, Edgar & LE MOIGNE, Jean-Louis. **A inteligência da complexidade**. São Paulo: Peirópolis, 2000.

MUSEU DE ARTE MODERNA DE SÃO PAULO. **Ernesto Neto**. Dengo, v.2. São Paulo: MASP, 2010.

O'DOHERTY, Brian. **No interior do cubo branco: a ideologia do espaço de arte**. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

PEDROSA, Adriano. Esculturas íntimas, in: CENTRO GALEGO DE ARTE CONTEMPORÂNEA. **Ernesto Neto: o corpo, nu tempo**. Santiago de Compostela: Xunta de Galicia, 2001.

PEIXOTO, Nelson Brissac. **Paisagens Urbanas**. São Paulo: Ed. SENAC, 1996.

SILVEIRA, Regina. **Simulacros**. Tese de Doutorado. São Paulo, ECA – Universidade de São Paulo, 1984.



TEIXEIRA FILHO, Fernando Silva e CRUZ, Murilo Galvão Amancio. **Reflexões para a prática clínica ética-política a partir da arte de Ernesto Neto.** Estudos interdisciplinares em psicologia, vol.8 n.2. Londrina, dez 2017.

ALVES, Cauê. **Henrique Oliveira: para além da brasilidade.** S.l.p., 2013.

ALZUGARAY, Paula. Vídeo de artista: Surveillance, de Regina Silveira. **SeLect_ceLesTe – arte e cultura contemporânea.** São Paulo, 2015.

AMADO, Guy. **Tapumes ou uma poética do avesso.** São Paulo: Centro Cultural São Paulo, 2006.

AMARAL, Aracy. **A arte urbana de Henrique Oliveira.** S.l.p., 2011.

CHIARELLI, Tadeu. **Henrique Oliveira, do espaço ao tempo, do tempo ao lugar.** S.l.p., 2014.

DUARTE, Luisa. **Do tapume ao avesso – as gradações de Henrique Oliveira.** S.l.p., 2012.

RESENDE, Ricardo. **Tapumes.** Brasília, SESI, 2011.